CADERNOS AA

DENTRE MULHERES, PLANTAS E IMAGENS: UMA EXPERIÊNCIA ARTE-ETNOGRÁFICA

Lanna Beatriz Lima Peixoto¹ & Luana Beatriz Lima Peixoto²
UFPA, Belém-PA, Brasil

Este ensaio tem como objetivo apresentar o processo de construção e algumas das imagens resultantes do projeto arte-etnográfico “Dentre: mulheres, plantas e imagens”, que se constitui como uma etnografia por imagens sobre a relação de mulheres e plantas, na comunidade quilombola de Mangueiras, município de Salvaterra, Ilha do Marajó/PA. Tecendo um diálogo entre antropologia e arte, percorremos as paisagens co-existenciais dos quintais de cinco mulheres para acompanhar o cotidiano do cultivo de plantas. Adentramos na esfera de um imaginário mítico e místico em torno do feminino e da flora da região, o abordamos por meio da linguagem visual de processos analógicos e artesanais da fotografia, como a cianotípia e o marrom Van Dyke, entrecruzando as raízes de mulheres, plantas e imagens.

Palavras-chave: mulheres, plantas, imagens, cultivo

Sobre o lugar, Mangueiras

Mangueiras é uma das quinze comunidades quilombolas do município de Salvaterra, localizado no Arquipélago do Marajó, Pará. Segundo os moradores do local, Mangueiras seria a mais antiga comunidade quilombola da região, com mais de duzentos anos, onde encontramos ancestrais diretos dos antigos escravizados da região, de negros e indígenas. Distante 24 quilômetros da sede do município, o acesso a esta comunidade se dá a partir da sede por meio de uma estrada de piçarra e pelo rio Mangueiras, braço do rio Paracauari, que divide os municípios de Soure e Salvaterra.

1 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGSA/UFPA). Contato da autora: lanna.blp@gmail.com.

2 Instituto de Ciências da Arte, Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Pará (PPGARTES/UFPA). Contato da autora: luanabeatriz@gmail.com.

Mangueiras surge no seio das desigualdades do sistema escravocrata que levou grande contingente de trabalhadores negros ao Marajó à lida em fazendas de criação de animais e agricultura. O povoamento se deu em um período de declínio da economia da bubalinocultura, quando houve uma dispersão dos trabalhadores escravizados nas fazendas, originando diversos agrupamentos quilombolas. Junto aos campos, florestas, manguezais e cursos d'água, negros em maioria, mas também indígenas, fizeram morada na constituição de paisagens de pertença, onde puderam (re)criar, a partir de uma diversidade constitutiva, biológica e social, formas de organização que resultaram no que se tem hoje enquanto comunidade.

Veja a galeria de fotos aqui:

<https://journals.openedition.org/cadernosaa/2284>

Na conformação das paisagens foram se espalhando pelos campos as moradas dos que ali chegaram em busca de um lugar que lhes acolhesse. Em torno dessas casas foram convergindo uma série de plantas, vegetação diversa, desde altas árvores frutíferas a rasteiras plantas medicinais. Assim foram se constituindo os quintais, ou terreiros, como também são chamados, em meio ao vasto campo em que se concentra a maioria das casas da comunidade.

Presentes em quase todas as casas, vistos através de imagens de satélite os quintais são como pequenas “ilhas de florestas”. Este termo foi usado pelo biólogo e antropólogo Darrel Posey (2002: 06) para denominar um antigo sistema de agricultura Kayapó em áreas localizadas ao longo das trilhas que percorriam, montes de vegetação para abastecê-los de alimentos, desenhando a paisagem do cerrado. Chamar os quintais de Mangueiras de “ilhas de florestas” tem uma dupla motivação, remete à rica diversidade e à importância característica da vegetação, como a que foi estudada por Posey, e também ao simbolismo que carrega.

Dentre as diversas espécies cultivadas, as plantas “remédio”, ou “remédio da terra” como são chamadas pela comunidade, se apresentam em maior número. São espécies utilizadas para

fins medicinais e litúrgicos, ou seja, que agem no combate a doenças de toda ordem e que são utilizadas em rituais religiosos,³ respectivamente.⁴ Já entre as pessoas que cultivam seus quintais existem aqueles que se destacam. Se tornaram referência na comunidade tanto pela diversidade das espécies que cultivam quanto pelo conhecimento sobre elas, sobre as formas de manejo, os atributos de cada planta, as formas de preparo, entre outros elementos.

Pedro Paulo Piani (2007: 95), afirma que mulheres e pajés indígenas foram os primeiros cuidadores da saúde no Brasil. Isto em decorrência de suas práticas de cura e prevenção a partir dos vastos conhecimentos sobre a botânica local. Posteriormente, com o grande contingente de negros que adentrou o país para servir ao regime escravocrata, saberes e práticas de matriz africana passaram a fazer parte dos itinerários terapêuticos, ou seja, o percurso traçado pelo doente em busca da cura.

De acordo com Carney (2004: 29), a mulher africana foi fundamental para a manutenção de uma rica herança botânica e agrícola, fruto de diversos sistemas étnicos de conhecimento. “Nós viemos, aqui em Manguelras, dos escravos, negro e índio”, assim afirma Elizabete, moradora da comunidade, apontando a convergência das experiências e conhecimentos de negros e indígenas na ocupação do território. Os conhecimentos de mulheres sobre qualidades ou propriedades das plantas têm, pois, fontes diversas e vêm de um intenso convívio entre povos e plantas.

No que diz respeito às plantas medicinais em regiões mais afastadas, como em Manguelras, onde a assistência à saúde é precária por parte do Estado, o cultivo ganha importância vital. É inevitável que elas sejam as principais e mais usadas vias de assistência às pessoas. As plantas são centrais em dois dos setores mais comuns do itinerário terapêutico local identificado por Cavalcante na comunidade: o que a autora chama de setor informal, aquele que diz respeito à terapêutica não-paga, tem na família a sede primeira de assistência e seus principais agentes são as mulheres; e o setor popular, que se refere a “indivíduos que se tornam especialistas em métodos de cura, envolvendo ações que visam a recuperação definitiva, tais como curandeiros, representando as mais diversas denominações que existem” (Cavalcante 2011: 120).

Estes conhecimentos se concentraram, principalmente, entre as mulheres talvez por serem tradicionalmente responsáveis pelos cuidados com os filhos e a família. Elizabete, Benedita (Bena), Marita, Hermenegilda (Minê) e Antônia foram as que mais se destacaram. Somente um homem era citado pela comunidade, Benzinho, irmão de Benedita, que até hoje cultiva o quintal que era de sua mãe. Todas essas mulheres afirmam que os conhecimentos em torno das plantas e as práticas de cultivo foram adquiridos por meio de uma rede de transmissão e troca, herdados das relações entre mães, filhas e avós. Isto assenta o lugar do cultivo em um lugar de memória, indica a duração dessa prática ao longo do tempo e constitui, assim, história dessas mulheres, como também das plantas, a partir de um entrelaçamento simbólico-prático, um lugar de coexistência.

3 Na comunidade esses rituais se dividem entre a pajelança, o batuque, também chamado de umbanda, e o catolicismo. Nessas três esferas são empregados variados usos das plantas aqui em questão. Entre eles, são nos rituais de cura da pajelança e do batuque que as plantas estão mais presentes.

4 A distinção entre as plantas medicinais e litúrgicas consta aqui para fins de caracterização das espécies cultivadas nos quintais de Manguelras. Na prática é comum que uma planta agregue variados usos.

“DENTRE”, O PROJETO

Nosso primeiro contato com Manguieras se deu em 2013 quando fomos convidadas pelo Mestre de Capoeira Angola Bira Marajó para conhecer a comunidade e fotografar atividades de capoeira que ele desenvolveria com as crianças. A partir desse contato passamos a alimentar o desejo de trabalhar ali e conhecer mais sobre aquele lugar, sobre as pessoas que o habitam, principalmente as mulheres, que nos pareceram maioria naquele momento. Desde então, já nos chamaram atenção os quintais das casas na comunidade, a grande maioria abrigava muitas plantas de variadas espécies. Nesse momento os moradores com quem mais conversamos, Elizabete e seus dois filhos, já puderam nos introduzir no assunto, nos falaram um pouco sobre os problemas que tinham com o gado que andava solto pela comunidade e muitas vezes entrava nos quintais para destruir suas plantas.

O retorno à comunidade só foi possível em 2015, por meio do projeto “Dentre: mulheres, plantas e imagens”, contemplado com a Bolsa de Pesquisa, Criação, Experimentação e Difusão em Arte 2015, da Fundação Cultural do Pará. Objetivamos construir uma etnografia por imagens sobre a relação de mulheres e plantas no município de Salvaterra, entrecruzando os olhares da antropologia e da arte. Buscamos traçar paralelos entre a alquimia envolvida na relação de mulheres e plantas e os processos da fotografia artesanal. A densidade da experiência que tivemos em Manguieras e do material produzido a partir do primeiro contato direcionou o trabalho a ser desenvolvido somente na comunidade.⁵

Partimos da interação com as cinco mulheres, identificadas por sua comunidade de pertença como referências no cultivo de plantas medicinais. Percorremos seus quintais, vivenciamos o cotidiano de cuidado e uso das espécies cultivadas, mergulhamos nas narrativas dessas mulheres sobre essa relação. Em 2015 estivemos cinco vezes na comunidade, em estadias que duraram de quatro a sete dias. Nestas experiências foram produzidas uma série de fotografias, resultantes do diálogo com as mulheres nos seus quintais e ainda em duas oficinas de introdução à fotografia feitas com as crianças do local. Durante o tempo que passamos juntos, mulheres e crianças nos diziam o que e porque fotografar ao passo que conversávamos sobre assuntos diversos, evocados pela relação com as plantas.

Foi possível perceber o quanto o assunto é caro a esta parcela da população: além das mulheres que fizeram parte do processo serem tidas pela comunidade como referências no cultivo de plantas, elas próprias assumem o papel de autoridade. Já as crianças foram inseridas especialmente porque eram nossas companheiras durante todas as estadias, se interessavam por nosso trabalho e nos auxiliavam no que fosse necessário. As atividades de fotografia foram pensadas como trocas com as crianças, percebemos durante as oficinas que seus olhares sobre a comunidade, sobre os quintais, plantas, bichos e pessoas guardam uma poeticidade mágica muito peculiar ao universo infantil. Sua relação com as plantas se dá principalmente com as espécies frutíferas.

Após os períodos passados em Manguieras, o trabalho se dava no laboratório, onde foram feitas experimentações de toda ordem, desde a revelação até a impressão das fotografias. A experiência com as mulheres e suas memórias nos conduziram em processos artesanais de cons-

5 Esta experiência também deu bases à constituição do projeto de tese desenvolvido pela primeira autora sobre os quintais da comunidade no âmbito do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará.

trução de narrativas visuais. As principais técnicas utilizadas foram: a cianotipia, técnica que utiliza mistura química reagente a luz, cujo efeito dá o tom azulado à imagem, utilizada desde as primeiras experiências, no século XVIII, com fins de catalogação botânica; e a marrontipia, ou marrom Van Dyke, técnica que utiliza mistura química reagente a luz, cujo efeito dá o tom marrom à imagem. Com essas técnicas buscamos nos remeter ao marrom da terra, cuja cultura que resiste se agarra e enraíza, e ao azul do céu, sua leveza e (des)limite de crescimento e criação, em uma (r)e(s)xistência da vida nesse lugar.

As plantas que nos foram dadas pelas mulheres, também folhas, cascas, raízes e sementes foram usadas em reproduções, como tintas, corantes, colagens, entre outras formas. Utilizamos também a impressão e colagens de tecido em referência à multiplicidade das texturas que compõem a relação de mulheres e plantas. Nos empenhamos na utilização de técnicas mistas para alcançar a estética da vida em Mangueiras. As fotografias produzidas durante uma estadia eram sempre levadas na próxima visita e assim elas nos davam suas impressões e opiniões. Este processo gerou um álbum de fotografias, uma narrativa etnográfica por imagens das mulheres de Mangueiras e suas plantas, do nosso encontro com elas e o mundo que passamos a ter acesso ao adentrar pelos portões de seus quintais.

O livro pronto foi entregue à comunidade, com exemplares especiais às cinco mulheres que participaram do projeto. Em um primeiro contato com o livro, foi possível verificar que ele gerou interesse e curiosidade de todos. Era comum formarem-se grupos ao redor de cada exemplar entregue, as pessoas tentavam identificar não só as plantas como as pessoas retratadas. Foi interessante perceber que a comunidade identificou as imagens como antigas, “parece aquelas fotos antigas, preto e branco”, inclusive as casas retratadas, “parece até que vocês tiraram essa foto aqui no passado, como era antigamente”. Isto ativava outras imagens da memória dos moradores, o livro gerou mais narrativas, mais conversas sobre plantas e quintais. Entre Elizabete, Bena, Minê, Marita e Antônia, o livro gerou agradecimento por nosso interesse e trabalho sobre seus conhecimentos. Também se espantavam por verem elas mesmas e os quintais sobre um novo ângulo: “mas como essa canoa ficou bonita aqui, nem parece mesmo o meu quintal, acho que vou até pegar outra pra colocar mais planta”, disse Marita sobre uma imagem de um canteiro feito em seu quintal em cima de uma canoa antiga.

MULHERES, PLANTAS E IMAGENS

Elizabete foi a primeira senhora que nos mostrou o seu quintal. Quando chegamos em sua casa conversamos um pouco, dissemos a que tínhamos ido, que estávamos fazendo um trabalho com a fotografia sobre as mulheres e as plantas. Ela foi logo avisando que já não tinha mais tantas plantas quanto antes, mas algumas ainda restavam no seu quintal e poderia nos mostrar. Seus passos nos guiaram pelo lado de sua casa. Na medida que adentrávamos o quintal íamos esquecendo onde estávamos, ao mesmo tempo tínhamos cada vez mais plena consciência de que só poderíamos estar ali, com ela. Elizabete tem tantas plantas que pouco se vê do lado de fora do arame farpado que cerca seu terreno. Ela começou a nos contar sobre as plantas que tinha e para que serviam, suas histórias, nos mostrou para que nós fotografássemos, tirava folhas e frutos para que nós cheirássemos e provássemos.

Assim ocorreu também com as outras quatro senhoras. Algumas foram mais arredias do que outras, mas com o passar do tempo e o desenvolvimento do assunto, o interesse pela conversa sobre as plantas era despertado. As plantas figuram como imagens de memória e são constituintes de um projeto. Estão no passado, no presente e no futuro, no sonho da casa própria de meninas que trabalharam desde adolescentes como domésticas nas fazendas vizinhas e na capital paraense, no cotidiano de cuidados, no desejo da melhoria da morada, da diversificação, organização e estetização do espaço das plantas. Quando as procurávamos sempre conversávamos um pouco e as deixávamos livres para mostrar ou não suas plantas, para serem fotografadas ou não. Era comum que o assunto suscitasse narrativas variadas que as levavam a nos mostrar determinada planta ou local em seus quintais. Na medida que nosso tempo juntas aumentava, pudemos acompanhar também o dia-a-dia de convívio com as plantas, adensaram-se as narrativas sobre essa relação e novos caminhos nos eram abertos por entre seus quintais.

Em comum é possível perceber que os quintais são cercados para a proteção das plantas, pois animais como vacas, cabras e porcos vivem soltos pela comunidade. São áreas localizadas ao lado e atrás da construção da moradia, onde as plantas dividem espaço com algumas poucas edificações. Há barracas que abrigam utensílios variados, de pesca, de cultivo, de cozinha, entre outros. Em todos os quintais há a presença de girais, que são mesas onde são preparadas comidas e as louças são lavadas, também é comum que tenham bancos de madeira ou cadeiras dispersas nas sombras das árvores de copa mais vasta. Em algumas casas, como na de Antônia, há um pequeno banheiro envolto em madeira com um chuveiro, que inclusive serve de viveiro às plantas que necessitam de mais umidade. Em todos os quintais estão presentes mesas de madeira que servem aos cuidados e experimentos com as plantas.

A forma como são constituídas as paisagens dos quintais mostram que as plantas configuram o espaço doméstico e sua relação com os humanos toma variadas formas. Estão no banho da manhã de Enzo, bisneto de Marita, para proteger de doenças. As sombras criam uma atmosfera de intimidade, protegem do calor e contribuem às conversas de fim de tarde, como ocorre na casa de Elizabete. As grandes árvores frutíferas se oferecem às crianças, que têm nelas brincadeira e alimento, como os netos de Minê. Existem aquelas que são colhidas durante o preparo do almoço, como a chicória, a alfavaca e o cheiro-verde, que temperam os alimentos na casa de Bena. Existem os remédios para todos os males, como sempre há alguém à porta de Antônia pedindo indicações de receitas.

Benedita prefere aquelas para banhos cheirosos que atraem coisas boas, como a catinga de mulata, a priprioca e o manjerição. Suas plantas estão sempre bem organizadas em canteiros, bacias e panelas espalhadas por seu terreno, sempre limpo e ensolarado. Elizabete tem o quintal mais diversificado, onde há muitas espécies frutíferas, mas também para fins medicinais, que ela dá ou vende dependendo de quem lhe pede. Marita começou o cultivo de seu quintal com uma mangueira pela sombra que precisava para lavar roupas, a partir de então vieram outras plantas, que foram se entrelaçando como num trançado. Já Minê possui muitas plantas medicinais utilizadas para tratar de doenças que acometem as crianças, são mais plantas arbustivas que servem aos netos que moram com ela. Antônia é curadora na comunidade, a maioria de suas plantas são aquelas utilizadas em rituais de pajelança, como a sombra do mundo, o mucuracaá-guiné e o pau de angola.

Cada uma tem um jeito de plantar e plantas que lhes atraem mais. Todos os plantios foram iniciados por elas, marcam o início da construção de suas casas, vão se metamorfoseando ao

longo da mudança das estações⁶ e das dinâmicas da vida. Assim, pudemos perceber que a forma de organização dos quintais, os elementos que contêm, os utensílios e as plantas que abrigam dizem muito sobre cada mulher, como também nos falam muito sobre a estética do habitar de um coletivo, em que se entrelaçam uma estética funcional e uma estética figurativa, para utilizar uma ideia de André Leroi-Gourhan (1985: 113). Por isso vão se configurando como uma narrativa de um processo de coexistência, um cultivo mútuo, da planta pelo humano e do humano pela planta, onde se fazem crescer (Ingold 2012: 34) imbricados os elementos que o compõem.

Este entrelaçamento se manifesta nos movimentos da memória. As narrativas sobre o cultivo evocavam outras que interligam mulheres e plantas em torno de eixos fundamentais: a família, a comunidade, a doença e a cura, e o sobrenatural. As plantas aparecem ao longo dessas narrativas como mediadoras, um fio que costura diferentes dimensões da vida dessas mulheres. Os eixos são imagens que convergem deixando transparecer uma constelação, nos termos de Gilbert Durand (1989), ligadas a um sistema de conhecimento que não se limita somente ao âmbito religioso, médico ou da cultura alimentar, mas os engloba.

Dentro desse sistema, essas mulheres ocupam lugar de autoridade que herdaram de suas ancestrais. No cultivo diário de plantas em seus quintais, elas repetem e transcriam o relato da ocupação e habitação do espaço por sua comunidade, que se deu em íntimo diálogo com a vegetação. A tarefa de descobrir as formas de cultivo, o que, porque e como cultivar possibilitou que permanecessem na terra e fizessem dela sua morada, um recanto de liberdade e autonomia que (r)existe ao longo dos vários processos políticos e econômicos vigentes. Isto implica também a esfera de interações entre não-humanos e humanos; as preocupações com seus filhos e com a comunidade; a relação com o sagrado e o si-mesmo (Peixoto, Silveira 2016: 03).

Portanto, mulheres e plantas estão interligadas em um imaginário complexo, em que estão em jogo segredos, táticas de resistência (Certeau 2012: 89) de uma cultura e, mais diretamente, das mulheres de um povo. Neste imaginário, a alquimia não corresponde somente aos chás, banhos, entre outras misturas feitas com as plantas. Ela está presente em sua constituição e movimento, corresponde à alquimia dos encontros, índios, negros e brancos que, em contexto de conflitos ou não, convergiram na região do Marajó. A alquimia está nas palavras e memórias que, em narrativas, (re)criam e dão sentido ao tempo e ao espaço. Está no cerne da relação de mulheres e plantas, que questiona e dilui as fronteiras entre os seres, entre a natureza e a cultura.

Esse processo alquímico muito tem em comum com o processo da fotografia artesanal, onde as imagens vibram, a luz toca os sais de prata, num perpétuo florescer, acontecer. Há a revelação, a impressão, processo que faz durar no tempo um instante, chama memórias, alimenta imaginários, ciclo que vai muito além da técnica, transcende-a, como um cultivo. As misturas, tanto as culturais, como das plantas, quanto a dos químicos dos processos fotográficos, não têm outra matéria prima que não sejam imagens. Imagens que produzem narrativas alineares, polifônicas, policrônicas da habitação dessa região.

Buscamos nesse trabalho, por meio da escrita verbal e visual, dar continuidade a essas narrativas mergulhando em sua potência criativo-imaginária e desdobrando-a a partir da antropologia. Em compromisso com as relações que estabelecemos nesses lugares e com esses lugares,

6 Na região Norte do país há principalmente duas estações, o verão e o inverno. Em Manguieras elas correspondem respectivamente a uma estação muito seca quando os campos estão secos e marrons, e outra muito chuvosa quando os campos ficam alagadiços e de um verde muito forte.

com as narrativas expressas neles e por eles, que não cessam de acontecer. Compromisso este também político com a vida que se enraíza e se expande aos seus, cotidianamente, nos quintais desse quilombo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Carney, Judith. 2004. Navegando contra a corrente: o papel dos escravos e da flora africana na botânica do período colonial. *África* 22(23): 25-47.
- Cavalcante, Inara Mariela da Silva. 2011. *Acesso e Acessibilidade aos Serviços de Saúde em Três Quilombos na Amazônia Paraense: um olhar Antropológico*. Dissertação de Mestrado. Belém: UFPA/UFAM/FIOCRUZ.
- Certeau, Michel de. 2012. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.
- Durand, Gilbert. 1989. *As estruturas antropológicas do imaginário. Introdução à arquetipologia geral*. Lisboa: Presença.
- Ingold, Tim. 2012. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes antropológicos* 18(37): 25-44.
- Leroi-gourhan, André. 1985. *O gesto e a palavra: Técnica e linguagem*. Lisboa: Edições 70.
- Peixoto, Lanna Beatriz Lima; Silveira, Flávio. 2016. Dentre plantas e mulheres - a porta de entrada do universo místico e poético que envolve mulheres em Salvaterra. *Nova Revista Amazônica* 6: 1-12.
- Piani, Pedro Paulo Freire. 2007. *Sobre a possibilidade da integração de saberes no SUS: um estudo de Mangueiras na ilha de Marajó-PA*. Tese de Doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica.
- Posey, Darrell A. 2002. *Kayapó ethnoecology and culture*. London: Routledge.

BETWEEN WOMEN, PLANTS AND IMAGES: AN ART-ETHNOGRAPHIC EXPERIENCE

This essay presents the art-ethnographic project "Between Women, Plants and Images", an ethnography by images about the relation of women and plants in the quilombola community of Mangueiras, Salvaterra, on the Marajó Islands of Pará, Brazil. The authors construct a dialogue between anthropology and art, strolling through the co-existential landscapes of the backyards of five women, accompanying the daily cultivation of plants. We enter the sphere of a mythical and mystical imaginary relating to femininity and the flora of the region, approached through the visual language of the analogical and artisanal processes of photography, by means of the cyanotype and Van Dyke brown, crisscrossing the roots of women, plants and images.

Keywords: women, plants, images, cultivation

Recebido em: 2019-01-01
Aceitado em: 2019-04-15